

SELEÇÃO DE TEXTOS
SOBRE RETÓRICA



ESCRITOS POR LUC DE CLAPIERS
VAUVENARGUES

SELECIONADOS E TRADUZIDOS POR DANILO BILATE

COLEÇÃO ACERVO



LUC DE CLAPIERS VAUVENARGUES

SELEÇÃO DE TEXTOS
SOBRE RETÓRICA

SELECIONADOS E TRADUZIDOS POR DANILO BILATE

COLEÇÃO ACERVO

1ª EDIÇÃO
SEROPÉDICA, RJ
PPGFIL-UFRJ
2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
– UFRRJ

Reitor:

Ricardo Berbara

Vice-Reitor:

Luiz Carlos Oliveira Lima

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:

Alexandre Fortes

**Coordenador do Programa de Pós-graduação
em Filosofia:**

Affonso Henrique Vieira da Costa

EDITORA DO PPGFIL-UFRRJ



www.editorappgfilufrrj.org

Editor-chefe: Francisco José Dias de Moraes

Editora adjunta: Michelle Bobsin Duarte

Comitê Editorial

Affonso Henrique Costa

Alessandro Bandeira Duarte

Danilo Bilate

José Nicolao Julião

Renato Valois

Walter Valdevino Oliveira Silva

Conselho Editorial

Abílio Azambuja Rodrigues Filho (UFMG)

Antônio Augusto Passos Videira (UERJ)

Arley Ramos Moreno (Unicamp)

Domenico M. Fazio (Università del Salento)

Edgar de Brito Lyra Netto (PUC-RJ)

Eduardo Brandão (USP)

Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)

Evandro Barbosa (UFPel)

Fernando José de Santoro Moreira (UFRJ)

Gilvan Luiz Fogel (UFRJ)

Guido Antônio de Almeida (PPGLM-UFRJ)

Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)

Júlio Cesar Ramos Esteves (UENF)

Luísa Severo Buarque de Holanda (PUC-RJ)

Marco Antônio Caron Ruffino (UNICAMP)

Marco Antônio Valentim (UFPR)

Marcos Fanton (UFPE)

Maria Aparecida de Paiva Montenegro (UFCE)

Maria Lucia Mello e Oliveira Cacciola (USP)

Markus Figueira da Silva (UFRN)

Pedro Süsseskind Viveiros de Castro (UFF)

Rodrigo Antônio de Paiva Duarte (UFMG)

Tiegue Vieira Rodrigues (UFMT)

Walter Gomide do Nascimento Junior (UFMT)

Seleção de textos sobre Retórica / Luc de Clapiers Vauvenargues. Tradução, seleção e prefácio de Danilo Bilate - Seropédica, RJ: PPGFIL-UFRRJ, 2020.

73 p.

ISBN 978-65-86859-07-2

1. Retórica. 2. Eloquência. 3. Filosofia. I. Título. II. Vauvenargues, Luc de Clapiers.



Creative Commons 2020

Editora do PPGFIL - UFRRJ

Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial Sem Derivações 4.0 Internacional.



9 786586 859072

Seleção de textos sobre Retórica

Tradução e seleção por Danilo Bilate, a partir de:

Œuvres complètes de Vauvenargues. Tome 1. Paris, J. L. J. Brière, 1821.

– Para os textos: “Introdução ao conhecimento do espírito humano, Primeiro livro” (*Introduction à la connaissance de l’esprit humain*, Livre premier), pp. 07-42; “Lísias, ou a falsa eloquência” (*Caractères*, XVII, “Lísias, ou la fausse éloquence”), pp. 229-230.

Œuvres complètes de Vauvenargues. Tome 2. Paris, J. L. J. Brière, 1821.

– Para o texto: “Seleção das *Reflexões e máximas*” (*Réflexions et maximes*), trechos compreendidos entre as pp. 01-142.

Œuvres posthumes et œuvres inédites de Vauvenargues. Paris: Furne et Cie éditeurs, 1857

– Para os textos: “Diálogos entre Demóstenes e Isócrates” (*Dialogues: 3. Démosthènes et Isocrate; 4. Les mêmes*), pp. 08-17; “Extratos de um discurso sobre a eloquência” (*Fragments: 1. Extraits d’un discours sur l’éloquence*), pp. 61-64; e “Plano de um livro de Filosofia” (*Fragments: 4. Plan d’un livre de Philosophie*), pp. 69-74.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À TRADUÇÃO	i
<i>INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO DO ESPÍRITO HUMANO, PRIMEIRO LIVRO</i>	01
I. DO ESPÍRITO EM GERAL	01
II. IMAGINAÇÃO, REFLEXÃO, MEMÓRIA	02
III. FECUNDIDADE	03
IV. VIVACIDADE	04
V. PENETRAÇÃO	05
VI. DA JUSTEZA, DA NITIDEZ, DO JULGAMENTO	05
VII. DO BOM SENSO	07
VIII. DA PROFUNDEZA	08
IX. DA DELICADEZA, DA FINEZA E DA FORÇA	09
X. DA EXTENSÃO DO ESPÍRITO	10
XI. DAS TIRADAS	10
XII. DO GOSTO	12
XIII. DA LINGUAGEM E DA ELOQUÊNCIA	14
XIV. DA INVENÇÃO	17
XV. DO GÊNIO E DO ESPÍRITO	18
XVI. DO CARÁTER	21
XVII. DO SÉRIO	22
XVIII. DO SANGUE-FRIO	23
XIX. DA PRESENÇA DE ESPÍRITO	24
XX. DA DISTRAÇÃO	24
XXI. DO ESPÍRITO DE JOGO	25
SELEÇÃO DAS <i>REFLEXÕES E MÁXIMAS</i>	26
LÍSIAS OU A FALSA ELOQUÊNCIA	37
DÍALOGOS ENTRE DEMÓSTENES E ISÓCRATES	39
EXTRATOS DE UM DISCURSO SOBRE A ELOQUÊNCIA	53
PLANO DE UM LIVRO DE FILOSOFIA	58

PREFÁCIO À TRADUÇÃO: SOBRE A ELEGÂNCIA E VAUVENARGUES

Danilo Bilate

Imagino um raro leitor de Vauvenargues, findando um de seus textos, resmungar que tudo aquilo lido seria óbvio. Peço que você leitor, igualmente raro se existente, não se engane. Não há nada menos óbvio do que o espírito. Que essa seleção de textos do autor nunca antes traduzido ao brasileiro, o distancie de qualquer raridade e o aproxime o mais possível de uma obviedade, de todo modo inalcançável.

Por falar em espírito, aproveito para dizer que Vauvenargues foi um espírito livre de seu tempo, tão livre que dele se desgarrou toda a atenção da moda; tão livre que o pequeno prestígio que a ele se juntou foi dado pelo mais prestigiado dos espíritos livres de seu tempo, seu amigo Voltaire. Homem de espada, Vauvenargues gozava também da liberdade do filósofo que não precisava de tal alcunha e tampouco da função social que a ela se reporta. Foi, pois, mais filósofo do que todos os outros.

Vauvenargues, e esse não é absolutamente um dado circunstancial, prestou enorme atenção à arte da eloquência. Em especial, esforçou-se por compreender como a comunicação filosófica era questão central para o rearranjo do fazer filosófico, rearranjo do qual sentimos – ou deveríamos sentir – falta três séculos depois.

Com Vauvenargues, respiramos o bom gosto, a elegância da simplicidade, a nobreza da altivez que não precisa se expor, mas que se expõe naturalmente por simplesmente não poder se esconder. Com ele, e graças ao esquecimento a que foi submetido, entendemos por que a morte dessa elegância nobre se perdeu com o fim do século das luzes. E perdeu-se nessa cultura posterior, que ainda é em alguma medida a nossa, que não por acaso ignora seu nome e sem mais acaso ignora também a Retórica: é a cultura da mudez do espírito, esse silêncio que se ouve no barulho de feira da “filosofia” posterior.

Mas houve então alguma Filosofia ou haveria de haver alguma sem Retórica? Essa pergunta simplesmente não pode ser colocada no estado de miséria em que nós, “filósofos”, nos encontramos. Colocá-la, com sua devida força e sagacidade, não era necessário para os poucos séculos do humanismo fugaz do qual Vauvenargues foi filho, mas o foi para o último dos séculos clássicos, o da despedida europeia de sua força renascentista: “Eles não crerão em mim, meu caro Isócrates; pois há muitas razões para que a eloquência não se recupere nunca”, escreve nosso autor pela boca fictícia de um dos antigos gregos, Demóstenes, para mostrar que a decadência da Retórica é a nossa decadência.

Ao falar de espírito, Vauvenargues foi psicólogo. Não, espera-se ser evidente, no sentido em que a palavra tem hoje. Talvez no sentido em que Nietzsche se dirá o maior dos psicólogos: e isso quer dizer que o “psicólogo” é aquele observador do humano; interessado, porque admirador do esplendor da humanidade e desprezador de seu enfraquecimento; observador que, portanto,

valora, estabelece a medida de grandeza – de quê? Do espírito. Como? Pelo cultivo do gosto, pela delimitação lenta, cuidadosa e laboriosa do “bom”, pelo cultivo, enfim, do bom gosto. Assim, espírito, bom gosto e elegância se confundem: é o *elegere*, a escolha, que secciona o discurso para dar-lhe força pelo que ele diz: “Dizer apenas o que é preciso”, ensinará ainda seu personagem Demóstenes.

“Psicólogo” do bom gosto espiritual, Vauvenargues precisa estudar o espírito, ou seja, o tesouro da inteligência humana, que nos constitui como tal. Precisa, pois, estudar os “órgãos” do espírito, ou seja, suas faculdades, suas funções e possibilidades – que não podem, ao contrário do que prega a psicologia moderna, ser estancadas em tópicos, sejam elas metapsicológicas ou neurológicas, senão que apenas fragilmente definidas (posto que a definição cristaliza o espírito, que é eminentemente fluxo, processual, criativo), mas que podem ser bem compreendidas. Essa compreensão é não apenas do espírito, mas de nossa “organização”, ou seja, da configuração de nosso corpo, no que ele possui de mais humano pela coexistência e interdependência de suas forças fisiológicas e espirituais – donde o uso plurívoco do termo “órgão”. Assim, tão evidente quanto isso possa ser, é preciso lembrar, contudo, que “espírito”, significa coisa bem diferente do que hoje a essa palavra dá o senso comum; o mesmo valendo para a palavra “alma”, daquela devendo ser distinguida em um desenho conceitual estranho para nossos dias: a alma e o espírito constituem o caráter, sendo a primeira sua parte mais visível pela delimitação de seus traços e o segundo sua parte agente e criativa. Como quer que seja,

o que deverá ver o leitor a seguir, todo esse esforço de compreensão do caráter está contido no primeiro livro da *Introduction à la connaissance de l'esprit humain* de 1746.

Essa “psicologia”, disse sabe todos os poucos filósofos retóricos, é parte integrante, necessária, sem a qual não, da Retórica. Porque o escritor ou orador eloquente, tanto o é mais quanto mais tiver penetração e vivacidade, quanto mais for capaz de imaginação, reflexão, memória e bom senso. A lista de qualidades é grande e ela pode ser encontrada ainda na mesma *Introdução ao conhecimento do espírito humano*, onde também se estuda o gênio; qualidade diferente do espírito. Sim, qualidade ou dom no sentido de que se pode ou não os ter. Pode-se “ter” espírito, bem como “ter” gênio. O gênio é, contudo, muito mais raro, diferenciando-se por sua intensa produção, geralmente concentrada em um único objeto, sua obra, a cada vez.

Publicadas em 1746, conjuntamente com a *Introduction* e com ela constituindo as únicas obras suas publicadas em vida, as *Réflexions et maximes* são um exemplo do estilo aforismático, tornado célebre por La Rochefoucauld, que se concentra em questões próprias ao homem e, portanto, à ação humana e, notadamente, às suas paixões. Daí ambos os autores integrarem o universo dos chamados “moralistas”. Não é um acaso que Vauvenargues explore em seus textos diversos estilos, sem qualquer recusa, mas muito pelo contrário, ao uso de diálogos ou de aforismos. Que se tenha em vista, contudo, o quanto a classificação aqui é de mau gosto: com a palavra “moralista” permite-se a ambiguidade na compreensão. Um “moralista”, nesse caso, é apenas um espírito fino e elegante, que

opta por condensar sua sabedoria em poucas frases ou mesmo palavras. Trata-se de um explorador dos estilos, em buscar do melhor deles para a situação em jogo – alguém preocupado, portanto, com seu leitor, com a comunicação de seu pensamento, cômico de seu papel comunitário da produção coletiva de conhecimento; respeitador da inteligência de seu leitor, por idealizá-lo como um decifrador de pensamentos escondidos, de cadeias de reflexões não explicitadas, mas que paradoxalmente constituem, ainda assim, um caminho partilhável que lhe leva ao que interessa: à sabedoria.

Assim, para abusar de outra classificação perigosa, mas que pessoalmente prefiro àquela, o “moralista” é um “humanista” e, com isso, quero dizer: alguém que recusa a frieza autista escolástica, que não tem nojo da possibilidade de popularizar o conhecimento ainda que, por vezes pessimista e em certo sentido aristocrático, saiba que a popularização é impossível, porque falta a essa possibilidade... espíritos: “O número dos que podem degustar certas verdades é bem pequeno” dirá, sempre ele, Demóstenes. “Humanista”, então, Vauvenargues o é porque não se cansa da tarefa de cultivar espíritos! “Humanista”, pois, como um bom grego e mais ainda como um bom romano, extremo oposto de um tipo medieval mediano – com o perdão do pleonasma – que insiste em reaparecer, com muita intensidade, em nosso século: observação que me faz ousar dizer que ainda somos medievais. E ousa também concluir disso que a Retórica, tão maltratada e esquecida por nós, é a única saída possível para abandonarmos esse estado de miséria.

Sintomaticamente, as primeiras das “reflexões e máximas” constituem uma ode à clareza, essa virtude retórica sempre elogiada pelos humanistas. Com a singeleza que lhe é própria, nosso filósofo segue a tradição que lhe cabe e que diz de modo simples e até simplório o que, no fim das contas, realmente importa do que dirá o manifesto de Viena: o conhecimento se deriva da experiência e, por isso, é acessível a todos, podendo ser explicitado por linguagem clara e simples – a clareza e a simplicidade possível máxima constituindo a meta a ser alcançada pelo sábio. Evidentemente, o que se pode entender pela palavra “máxima” em cada contexto de investigação é o que não está dado a priori e deve ser constantemente redefinido, coletivamente, até que o coletivo de investigadores repouse em consensual satisfação, ainda que possivelmente momentânea.

Mas esse coletivo não deve ser formado por eruditos sem gênio ou sem espírito, posto que esses se resumem a grandes memórias, estéreis enquanto tais. Aqui vemos uma crítica a um modelo formativo de filósofo que, infelizmente, também dele padece nossa época. E é nesse sentido que o gênio de um Descartes deva ser medido pela sua inventividade sadia e não descartado por seus erros. E é nesse sentido, igualmente, que um sofista não é mais aquele que fala ou escreve abusivamente, para, interessada e vaidosamente, popularizar seu discurso; mas o sofista é, ao contrário, aquele que é incapaz de reconhecer a verdade em sua brevidade e clareza, qualidades intrínsecas que a popularizam, ao menos possivelmente. O filósofo francês realiza, assim, uma crítica à uma impostura

comum ao fazer filosófico, germinada pela vaidade humana, que se oferece como elevação e refinamento.

Enfim, a seleção que é oferecida aqui das reflexões e máximas de Vauvenargues se estabelece em função desses temas. Como a obra do francês dispõe seus aforismos ordenados em grupos temáticos – ainda que não separados e intitulados, esses grupos se fazem ver – nossos cortes englobam pequenas seções ininterruptas nelas mesmas; eventualmente, alguns aforismos intermediários podem escapar um pouco do assunto que é o nosso, mas nunca o suficiente para que fossem daqui excluídos.

Se a crítica à impostura filosófica estava presente nas *Reflexões e máximas*, vemos em um dos capítulos do projeto para seu livro não publicado, *Caractères*, um retrato de Lísias que nos serve como um negativo do bom orador ou escritor. Por que Vauvenargues considera o grego de estilo simples, retórico prestigiado, o contrário do bom eloquente? A resposta é difícil, talvez impossível, mas o que é dito a propósito do personagem é algo sobre o quê vale a pena se refletir, no campo da Retórica. O personagem (e pouco importa o nome “Lísias” aqui) é considerado, então, como um mau retórico, porque não tem “decoro”, isto é, não se preocupa com seu ouvinte – de onde se conclui que o bom retórico é aquele que conhece aquele a quem se dirige, se adequa a ele e, portanto, conhece o humano.

Os diálogos entre Demóstenes e Isócrates são os únicos dois entre esses personagens dentre todos os previstos *Dialogues*, nunca publicados em vida por Vauvenargues, cuja data de redação permanece desconhecida. Os selecionamos aqui, embora não sejam

os únicos a tratarem do assunto, por serem os mais concisos e objetivos sobre as questões da Retórica. Ambos os personagens foram retóricos gregos de envergadura, sendo que Vauvenargues não muito diz sobre o primeiro em outros textos; por outro lado, apesar de, nesses diálogos, elogiar o segundo como orador, a visão do francês sobre Isócrates é permeada de críticas encontradas em outro texto, o décimo-primeiro *Caráter*: “Isócrates, ou o belo espírito moderno”. Tais críticas podem ser resumidas ao fato de que o grego se preocuparia menos do que o devido com a verdade de seus discursos. Cito os *Caractères*: “Logo percebeu-se a fraqueza de um autor que, parecendo desprezar as maiores coisas, não desprezava dizer deboches e não tinha qualquer repugnância em se contradizer, para não perder um traço de espírito. Ele agradou pela novidade e pela pequena ousadia de suas opiniões; mas sua reputação precipitada já perdeu todo o seu lustre; ele sobreviveu à sua glória, e ele serve a seu século como prova de que só há a simplicidade, a verdade e a eloquência, isto é, todas as coisas que ele desprezou [isto é, disse desprezar], que podem durar”. Se é estranho verificar alguns elogios feitos por seu interlocutor à Isócrates nos *Diálogos*, a estranheza se torna menor ao se constatar que, comparativamente, é Demóstenes o mais admirado, o “mestre”, aquele que tem a abertura para definir a imagem perfeita do grande orador, aquele pois que detém o saber sobre a Retórica. É por sua boca que o elogio dessa ciência é feito com o maior vigor, posto que “a eloquência é a mediadora dos homens”.

Os *Extratos de um discurso sobre a eloquência* são um rascunho, nunca publicado em vida, da qual não sabemos a data exata de redação.

Eles podem ser aproximados do *Plano de um livro de Filosofia*, também um fragmento póstumo, ambos contendo tiradas importantes sobre a função do filósofo no século XVIII. Talvez a necessidade de prestar atenção a esses conselhos indiretos não tenha mudado para o nosso século, antes devendo a atenção se consolidar com ainda mais urgência, precisamente porque disso não temos consciência. O papel do historiador de Filosofia é ali exposto como, não de um erudito capaz de repetir o que diz um ou vários dos grandes pensadores de antes, mas de resumir com clareza e força as principais ideias produzidas anteriormente. Tem-se, portanto, aqui, um projeto de construção coletiva de conhecimento filosófico. Exatamente como se convencionou operar no que se convencionou chamar de “ciências” com tanto sucesso e que, em Filosofia, fracassou tremendamente – vítima de vários fatores, dentre os quais, não é sem menos importância a vaidade dos especialistas. Mas se esse projeto tão próximo da escola anglo-saxã atual é exposto por um francês do dezoito, a aproximação, como se pode antever, demonstrar-se-á forçada. Vauvenargues tem espírito e escreve com a esperança de que o espírito seja cultivado. E, contudo, o espírito não é suficiente. Nosso filósofo mostra que ter espírito é muitas vezes motivo para se esquecer da verdade e de sua utilidade. Precisamente por isso é que ele se dedica a preceitos de Retórica, não, entretanto, com dissecações enfadonhas, próprias à lógica e ao estudo da linguagem que os poucos estudiosos daquela ciência hoje insistem em realizar. É ela, a Retórica, que é o campo do cultivo do bom gosto e da elegância, do cultivo do espírito – e isso quer dizer: da formação que se dá por um exercício que pode apenas ser

provocado, para o qual um autor pode apenas convidar, mas que deve ser singularmente adotado ou não por cada leitor, em função do seu interesse de autocultivo; exercício que o “mestre”, o autor lido, permite ao indicar misteriosamente o caminho educativo, com a sabedoria escondida no não-dito, nas alusões misteriosas (não obstante claras), nos enigmas apaixonantes (apesar de bem fundados e elucidativos). O *elegere* de quem escreve e de quem lê alcança então seu paroxismo.

Meus agradecimentos a Francisco de Moraes pelas soluções às minhas dúvidas relativas a Lísias e a Celso Azar, igualmente, mas relativas a Montaigne.

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO
DO ESPÍRITO HUMANO
LIVRO PRIMEIRO

I. Do espírito em geral

Aqueles que não podem entender as variedades do espírito humano, supõem nele contrariedades inexplicáveis. Eles se surpreendem que um homem que é vivaz, não seja penetrante; que àquele que raciocina com justeza, falte o julgamento em sua conduta; que um outro que fale claramente, tenha o espírito falso, etc. O que faz com que eles tenham tanta dificuldade em conciliar essas pretensas bizarrices, é que eles confundem as qualidades do carácter com as do espírito e que eles relacionam ao raciocínio efeitos que pertencem às paixões. Eles não observam que um espírito justo, que comete uma falta, só a comete por vezes para satisfazer uma paixão e não por falta de luzes; e quando acontece a um homem vivaz de não ter penetração, eles não sabem que penetração e vivacidade são duas coisas bem diferentes, ainda que semelhantes, e que elas podem ser separadas. Eu não pretendo descobrir todas as fontes de nossos erros sobre uma matéria sem limites; quando nós cremos segurar a verdade por um ponto, ela nos escapa por mil outros. Mas eu espero que percorrendo as principais partes do espírito, eu poderei observar as diferenças essenciais e fazer evaporar um enorme número dessas contradições imaginárias que a

ignorância admite. O objeto desse primeiro livro é o de fazer conhecer, por definições e por reflexões, fundadas sobre a experiência, todas essas diferentes qualidades dos homens que estão compreendidas sob o nome de espírito. Aqueles que procuram as causas físicas dessas mesmas qualidades, poderiam talvez falar delas com menos incerteza se se conseguisse desenvolver nesta obra os efeitos dos quais eles estudam os princípios.

II. Imaginação, reflexão, memória

Há três princípios notáveis no espírito: a imaginação, a reflexão e a memória.

Eu chamo de imaginação o dom de conceber as coisas de uma maneira figurada e de gerar seus pensamentos por imagens. Assim, a imaginação fala sempre aos nossos sentidos; ela é a inventora das artes e o ornamento do espírito.

A reflexão é a potência de se redobrar sobre suas ideias, de examiná-las, de modificá-las ou de combiná-las de diversas maneiras. Ela é o grande princípio do raciocínio, do julgamento, etc.

A memória conserva o precioso depósito da imaginação e da reflexão. Seria supérfluo se restringir em pensar sobre sua utilidade, não contestada. Nós empregamos na maior parte de nossos raciocínios apenas reminiscências; é sobre elas que nós construímos: elas são o fundamento e a matéria de todos os nossos discursos. O espírito que a memória cessa de nutrir, se apaga nos esforços laboriosos de suas pesquisas. Se há um antigo preconceito contra as pessoas de uma rica memória, é porque se supõe que elas não

podem abraçar e colocar em ordem todos as suas lembranças, porque se presume que seu espírito, aberto a todo tipo de impressões, é vazio e só se ocupa de tantas ideias emprestadas na medida em que tem poucas delas de próprias: mas a experiência contradisse essas conjecturas através de grandes exemplos. E tudo que se pode concluir daí com razão é que é preciso ter memória na proporção de seu espírito, sem o quê encontra-se necessariamente em um desses dois vícios, a falta ou o excesso.

III. Fecundidade

Imaginar, refletir, se lembrar, eis as três principais faculdades de nosso espírito. Está aí todo o dom de pensar, que precede e funda os outros. Depois vem a fecundidade, depois a justeza, etc.

Os espíritos estéreis deixam escapar muitas coisas e não veem delas todas as faces: mas o espírito fecundo sem justeza, se confunde em sua abundância e o calor do sentimento que o acompanha é um princípio de ilusão a muito se rezear; de modo que não é estranho pensar muito, mas pouco justamente.

Ninguém pensa, creio eu, que todos os espíritos sejam fecundos ou penetrantes ou eloquentes ou justos nas mesmas coisas. Uns abundam em imagens, outros em reflexões, outros em citações, etc., cada um segundo seu caráter, suas inclinações, seus hábitos, sua força ou sua fraqueza.

IV. Vivacidade

A vivacidade consiste na prontidão das operações do espírito. Ela não está sempre unida à fecundidade. Há espíritos lentos, férteis; há deles vivazes, estéreis. A lentidão dos primeiros vem por vezes da fraqueza de sua memória ou da confusão de suas ideias ou, enfim, de alguma falha de seus órgãos que impede seus espíritos de se manifestar com velocidade. A esterilidade dos espíritos vivazes, dos quais os órgãos são bem-dispostos, vem de que eles não têm a força para seguir uma ideia ou de que eles estão sem paixões; pois as paixões fertilizam o espírito sobre as coisas que lhe são próprias. E isso poderia explicar certas bizarrices: um espírito vivaz na conversação que se apaga no gabinete; um gênio agudo na intriga que se torna pesado nas ciências, etc.

É também por essa razão que as pessoas amáveis, para as quais os objetos frívolos interessam, parecem as mais vivazes do mundo. As bagatelas que sustentam a conversação, sendo sua paixão dominante, excitam toda sua vivacidade, fornecendo-lhes uma ocasião contínua de aparecer. Quando àqueles que têm paixões mais sérias, sendo frios sobre essas puerilidades, toda a vivacidade de seus espíritos permanece concentrada.

V. Penetração

A penetração é uma facilidade para conceber, para voltar ao princípio das coisas ou para prevenir seus efeitos por uma série de induções.

É uma qualidade que está ligada, como as outras, à nossa organização; mas que nossos hábitos e nossos conhecimentos aperfeiçoam: nossos conhecimentos, porque eles formam um amontoado de ideias que se pode reviver; nossos hábitos, porque eles abrem nossos órgãos e dão aos espíritos um curso fácil e pronto.

Um espírito extremamente vivaz pode ser falso e deixar escapar muitas coisas por vivacidade ou por impotência para refletir e ser penetrante. Mas o espírito penetrante não pode ser lento; seu verdadeiro caráter é a vivacidade e a justeza unidas à reflexão.

Quando se está muito preocupado com certos princípios sobre uma ciência, tem-se mais dificuldade em receber outras ideias na mesma ciência e um novo método; mas essa é ainda uma prova de que a penetração é dependente, como eu disse, de nossos hábitos. Aqueles que realizam um estudo pueril dos enigmas, penetram em seu sentido antes do que o fazem os mais sutis filósofos.

VI. Da justeza, da nitidez, do julgamento

A nitidez é o ornamento da justeza; mas aquela não é dessa inseparável. Nem todos aqueles que têm o espírito nítido, o tem justo. Há homens que concebem muito distintamente e que não

raciocinam conseqüentemente. Seu espírito muito fraco ou muito brusco não pode seguir a ligação das coisas e deixa escapar suas relações. Tais espíritos não podem reunir muitas visões, atribuem por vezes a tudo um só objeto, o que convém para o pouco que conhecem delas. A nitidez de suas ideias impede que eles as desafiem. Eles se deixam cegar pelo brilho das imagens que os preocupam; e a luz de suas expressões os prende ao erro de seus pensamentos.

A justeza vem do sentimento do verdadeiro formado na alma, acompanhado do dom de aproximar as consequências dos princípios e de combinar suas relações. Um homem medíocre pode ter justeza de acordo com seu nível, bem como produzir uma pequena obra. É sem dúvida uma grande vantagem, por qualquer sentido que se a considera: todas as coisas em diversos gêneros só tendem à perfeição na medida em que têm justeza.

Aqueles que querem tudo definir não confundem o julgamento e o espírito justo; eles relacionam a esse último a exatidão no raciocínio, na composição, em todas as coisas de pura especulação; a justeza na conduta da vida, eles a ligam ao julgamento.

Eu devo acrescentar que há uma justeza e uma nitidez de imaginação; uma justeza e uma nitidez de reflexão, de memória, de sentimento, de raciocínio, de eloquência, etc. O temperamento e o costume colocam diferenças infinitas entre os homens e reduzem ordinariamente muitas das suas qualidades. É preciso aplicar esse princípio a cada parte do espírito; é muito fácil de compreender.

Eu diria ainda uma coisa que poucas pessoas ignoram: encontra-se por vezes no espírito dos homens mais sábios, ideias por sua

natureza inaliáveis, que a educação, o costume, ou alguma impressão violenta, ligaram irrevogavelmente em sua memória. Essas ideias estão de tal modo juntas, e se apresentam com tanta força, que nada pode separá-las; esses ressentimentos de loucura são sem consequência e provam apenas, de uma maneira incontestável, o invencível poder do costume.

VII. Do bom senso

O bom senso não exige um julgamento bem profundo, ele parece consistir antes em só perceber os objetos na proporção exata em que eles estão com nossa natureza ou com nossa condição. O bom senso não é, pois, para pensar sobre as coisas com demasiada sagacidade, mas para concebê-las de uma maneira útil, para tomá-las pelo bom senso.

Aquele que vê com um microscópio percebe sem dúvida nas coisas mais qualidades; mas ele não as percebe de modo algum em sua proporção natural com a natureza do homem, como aquele que se serve apenas de seus olhos. Imagem dos espíritos sutis, ele penetra frequentemente mais longe; aquele que olha naturalmente as coisas, tem bom senso.

O bom senso se forma por um gosto natural pela justeza e pela mediocridade; é uma qualidade do caráter, antes ainda do que de espírito. Para ter muito bom senso, é preciso ser feito de maneira que a razão domine o sentimento, e a experiência domine o raciocínio.

O julgamento vai mais longe do que o bom senso, mas seus princípios são mais variados.

VIII. Da profundez

A profundez é o termo da reflexão. Quem quer que tenha o espírito verdadeiramente profundo, deve ter a força de fixar seu pensamento fugidio; de retê-lo sob seus olhos para considerar seu fundo, e de levar a um ponto uma longa cadeia de ideias: é a esses principalmente que têm esse espírito adquirido, que a nitidez e a justeza são mais necessários. Quando essas vantagens lhes faltam, suas vistas são misturadas com ilusões e cobertas por obscuridades. E, no entanto, como tais espíritos veem sempre mais longe do que os outros nas coisas de seu meio, eles se creem mais próximos da verdade do que o resto dos homens; mas não podendo segui-los em suas trilhas tenebrosas, nem remontar às consequências até a altura dos princípios, esses outros homens são frios e desdenhosos com aquele tipo de espírito que eles não poderiam medir.

E mesmo entre pessoas profundas, como alguns são sobre as coisas do mundo, e outros sobre as ciências, ou sobre uma arte particular, cada um preferindo seu objeto cujos usos se conhece melhor, constitui também de todos os lados matéria de dissenso.

Enfim, observa-se uma inveja ainda mais particular entre os espíritos vivazes e os espíritos profundos, pois que se possui um às custas do outro; como uns marcham mais rapidamente e os outros vão mais longe, eles têm a loucura de querer entrar em concorrência;

e não encontrando medida para coisas tão diferentes, nada é capaz de aproximá-los.

IX. Da delicadeza, da fineza e da força

A delicadeza vem essencialmente da alma: é uma sensibilidade cujo costume, mais ou menos ousado, determina também o grau. Nações colocaram delicadeza onde outras encontraram apenas um abatimento sem graça; essas, ao contrário. Nós talvez tenhamos dado a essa qualidade o mais alto preço que nenhum outro povo da Terra deu: nós queremos dar muitas coisas a entender sem exprimi-las e queremos apresentá-las sob imagens doces e atenuadas; nós confundimos a delicadeza e a fineza, que é um tipo de sagacidade sobre as coisas de sentimento. Contudo, a natureza separa frequentemente dons que ela fez tão diversos: um grande número de espíritos delicados é apenas de delicados; muitos outros são apenas finos; vê-se alguns deles que se exprimem com mais fineza do que eles entendem, porque eles têm mais facilidade para falar do que para conceber. Essa última singularidade é notável; a maior parte dos homens sente para além de suas fracas expressões: a eloquência é talvez o mais raro como o mais gracioso de todos os dons.

A força vem também, de início, do sentimento e se caracteriza pelo jogo de expressão; mas quando a nitidez e a justeza não lhe são acrescentadas, é-se duro ao invés de ser forte, obscuro ao invés de ser preciso, etc.

X. *Da extensão do espírito*

Nada serve ao julgamento e à penetração tanto como a extensão do espírito. Pode-se vê-lo, creio eu, como uma disposição admirável dos órgãos, que nos permite abraçar muitas ideias ao mesmo tempo sem confundi-las.

Um espírito extenso considera os seres em suas relações mútuas: ele percebe de uma só vez todas as ramificações das coisas; ele as religa às suas fontes e em um centro comum; ele as coloca sob um mesmo ponto de vista. Enfim, ele difunde a luz sobre grandes objetos e sobre uma vasta superfície.

Não se poderia ter um grande gênio, sem ter o espírito extenso; mas é possível que se tenha o espírito extenso sem ter gênio; pois são duas coisas distintas. O gênio é ativo, fecundo; o espírito extenso muito frequentemente se limita à especulação; ele é frio, preguiçoso e tímido.

Ninguém ignora que essa qualidade depende também muito da alma, que dá ordinariamente ao espírito seus próprios limites e o retrai ou o estende, segundo a elasticidade que ela mesma se dá.

XI. *Das tiradas*

A palavra *tirada* vem de saltar;¹ ter tiradas significa passar sem gradação de uma ideia a uma outra que pode a ela se aliar. É perceber

¹ No original, Vauvenargues diz, portanto, que a palavra “saillie” vem de “sauter”, relação que, evidentemente, não existe na nossa língua.

as relações das coisas mais distantes; o que demanda sem dúvida vivacidade e um espírito ágil. Essas transições rápidas e inesperadas causam sempre uma grande surpresa; se elas se dão a alguma coisa de divertido, elas excitam a rir; se a alguma coisa de profundo, elas surpreendem; se a alguma coisa de grande, elas elevam: mas aqueles que não são capazes de se elevar ou de penetrar com uma só visada as relações mais profundas, só admiram essas relações bizarras e sensíveis, que as pessoas em geral percebem tão bem. E o filósofo, que aproxima por sentenças luminosas as verdades em aparência mais separadas, reclama inutilmente contra essa injustiça: os homens frívolos, que têm necessidade de tempo para seguir essas grandes marchas da reflexão, estão em uma espécie de impotência para admirá-las; considerando que a admiração só se dá à surpresa e vem raramente por degraus.

As tiradas têm, em alguma medida, no espírito, o mesmo nível que o humor pode ter nas paixões. Elas não supõem necessariamente grandes luzes, elas pintam o caráter do espírito. Assim, aqueles que aprofundam vivamente as coisas, têm tiradas de reflexão; as pessoas de uma rica imaginação, tiradas de imaginação; outros, tiradas de memória; os maus, de maldade; os alegres, de coisas divertidas, etc.

As pessoas em geral que realizam o estudo do que pode divertir, levaram mais longe do que outras esse tipo de espírito; mas, porque é difícil para os homens não exagerar o que é bom, eles fizeram do mais natural de todos os dons um jargão pleno de afetação. O desejo de brilhar lhes fez abandonar por reflexão o verdadeiro e o sólido, para correr sem cessar atrás de alusões e jogos de imaginação os

mais frívolos; parece que eles concordaram de não dizer mais nada de conseqüente e de só perceber nas coisas o que elas têm de divertido e sua superfície. Esse espírito, que eles creem tão agradável, está sem dúvida tão afastado da natureza, que se diverte em se repousar sobre os assuntos que ela embeleza, e encontra a variedade na fecundidade de suas luzes, bem mais do que na diversidade de seus objetos. Uma graça tão falsa e tão superficial é uma arte inimiga do coração e do espírito, que ele restringe a limites estreitos; uma arte que tira a vida de todos os discursos, banindo o sentimento que é deles a alma e que torna as conversas do mundo tão entediantes quanto insensatas e ridículas.

XII. Do gosto

O gosto é uma aptidão para bem julgar objetos do sentimento. É preciso, pois, ter alma para ter gosto; é preciso ter também penetração, porque é a inteligência que move o sentimento. O que o espírito só penetra com dificuldade, frequentemente não vai até o coração, ou só faz nele uma impressão fraca; é aí o que faz com que as coisas que não se pode compreender com um só olhar não sejam a força do gosto.

O bom gosto consiste em um sentimento da bela natureza; aqueles que não têm um espírito natural não podem ter o gosto justo.

Toda verdade pode entrar em um livro de reflexão; mas, em obras de gosto, nós amamos que a verdade seja retirada do fundo

da natureza; nós não queremos hipóteses; tudo o que é apenas engenhoso é contra as regras do gosto.

Como há graus e partes diferentes no espírito, há também no gosto. Nosso gosto pode, creio eu, se estender tanto quanto nossa inteligência; mas é difícil que ele passe além disso. Contudo, aqueles que têm um tipo de talento, creem quase sempre ter um gosto universal; o que os leva por vezes até o ponto de julgar as coisas que lhes são mais estrangeiras. Mas essa presunção que poder-se-ia suportar nos homens que têm talentos, se observa também dentre os que raciocinam sobre os talentos e que têm uma tintura superficial das regras do gosto, das quais eles fazem aplicações totalmente extraordinárias. É nas grandes cidades, mais do que nas outras, que se pode observar o que eu digo: elas são povoadas por esses homens suficientes que têm bastante educação e experiência para falar das coisas que eles não entendem nem um pouco: também são elas o teatro das mais impertinentes decisões; e é aí que ver-se-á colocar ao lado das melhores obras, uma pesada compilação dos traços mais brilhantes de moral e de gosto, misturadas com velhas canções e outras extravagâncias, com um estilo tão burguês e tão ridículo que faz mal ao coração.

Eu creio que se pode dizer sem temeridade que o gosto do grande número não é justo: o curso desonroso de tantas obras ridículas é uma prova sensível disso. Esses escritos, é verdade, não se sustentam; mas aqueles que os substituem não são formados a partir de um modelo melhor: a inconstância aparente do público só cai sobre os outros. Isso se explica pelo fato de que as coisas só fazem impressão sobre nós segundo a proporção que elas têm com

nosso espírito; tudo o que está fora de nossa esfera nos escapa, o baixo, o inocente, o sublime, etc.

É verdade que os hábeis reformam nossos julgamentos; mas eles não podem mudar nosso gosto, porque a alma tem suas inclinações independentes de suas opiniões; o que não se sente de início, só se sente por etapas, como se faz ao julgar. Daí se explica que se veja obras criticadas pelo povo que lhe agradam; pois ele só as critica por reflexão e ele as aprecia por sentimento.

Que os julgamentos do público, depurados pelo tempo e pelos mestres sejam, pois, se se quer, infalíveis; mas distingamos-lhes de seu gosto, que parece sempre recusável.

Eu termino essas observações: pergunta-se há muito tempo se é possível ter razão nas matérias de sentimento: todos concordam que o sentimento só pode se dar a conhecer por experiência; mas é dado aos hábeis explicar sem dificuldade as causas escondidas que o excitam. Contudo, muitas pessoas de gosto não têm essa facilidade e muitos dissertadores que raciocinam ao infinito, não têm o sentimento que é a base das justas noções sobre o gosto.

XIII. Da linguagem e da eloquência

Pode-se, em geral, dizer sobre a expressão, que ela responde à natureza das ideias e, por conseguinte, aos diversos caracteres do espírito.

Seria, no entanto, uma temeridade julgar todos os homens pela linguagem. É raro, talvez, encontrar uma proporção exata entre o

dom de pensar e o de se exprimir. As palavras não têm uma ligação necessária com as ideias: quer-se falar de um homem que se conhece muito; de quem o caráter, a figura, os modos, tudo está presente no espírito, fora seu nome que se quer dar e de que não se consegue lembrar; igualmente, muitas coisas das quais temos ideias bem nítidas, mas cuja expressão não ocorre: daí vem que pessoas hábeis deixem por vezes de ter essa facilidade em explicitar suas ideias, que homens superficiais possuem mais.

A precisão e a justeza da linguagem dependem da propriedade das palavras que se emprega.

A força acrescenta à justeza e à brevidade o que ela pega emprestado do sentimento: ela se caracteriza ordinariamente pela forma de expressão.

A fineza emprega palavras que deixam muito a entender.

A delicadeza esconde sob o véu das palavras, o que há nas coisas de desencorajador.

A nobreza tem um ar leve, simples, preciso, natural.

O sublime acrescenta à nobreza uma força e uma altura que fazem tremer o espírito, que o surpreendem e o jogam para fora de si mesmo; é a expressão mais própria de um sentimento elevado ou de uma grande e surpreendente ideia.

Não se pode sentir o sublime de uma ideia em uma fraca expressão; mas a magnificência das palavras com fracas ideias é propriamente o febo¹: o sublime quer pensamentos elevados, com expressões e voltas que sejam dele dignos.

¹ Vauvenargues utiliza o nome latino de Apolo com a inicial minúscula, uso próprio ao seu século e anteriores, no sentido pejorativo de linguagem afetada.

A eloquência abraça todos os diversos caracteres da elocução: poucas obras são eloquentes; mas quer-se traços de eloquência semeados em vários escritos.

Há uma eloquência que é das palavras e que consiste em tornar fácil e conveniente o que se pensa, de qualquer natureza que seja; é a eloquência comum. Há uma outra nas ideias mesmas e nos sentimentos, junto àquela da expressão: é a verdadeira.

Vê-se também homens que o mundo aquece e outros que ele resfria. Os primeiros têm necessidade da presença de objetos: os outros de serem retirados e abandonados a eles mesmos: aqueles são eloquentes em suas conversações, esses, em suas composições.

Um pouco de imaginação e de memória, um espírito fácil, bastam para falar com elegância; mas quantas coisas entram na eloquência! O raciocínio e o sentimento, o inocente e o patético, a ordem e a desordem, a força e a graça, a doçura e a veemência, etc.

Tudo o que sempre se disse do preço da eloquência é apenas uma expressão fraca. Ela dá vida a tudo: nas ciências, nos negócios, na conversação, na composição, na procura mesma dos prazeres, nada pode dar certo sem ela. Ela brinca com as paixões dos homens, as move, as acalma, as empurra e as determina de acordo com sua vontade: tudo cede à sua voz; ela apenas, enfim, é capaz de se celebrar dignamente.

XIV. Da invenção

Os homens não poderiam criar o fundo das coisas; eles o modificam. Inventar não é, pois, criar a matéria de suas invenções, mas lhe dar a forma. Um arquiteto não faz o mármore que ele usa em um edifício, ele o dispõe; e a ideia dessa disposição, ele a toma emprestada ainda de diferentes modelos que ele funda em sua imaginação, para formar um novo todo. Da mesma maneira, um poeta não cria as imagens de sua poesia; ele as toma do seio da natureza e as aplica a diferentes coisas para figurá-las aos sentidos: e ainda o filósofo; ele concebe uma verdade frequentemente ignorada, mas que existe eternamente, para juntar a uma outra verdade e para formar dela um princípio. Assim se produzem em diferentes gêneros as obras-primas da reflexão e da imaginação. Todos aqueles que têm a vista suficientemente boa para ler no seio da natureza, descobrem, segundo o caráter de seu espírito, ou o fundo e o encadeamento das verdades que os homens desfloram ou a feliz relação das imagens com as verdades que elas embelezam. Os espíritos que não podem penetrar até essa fonte fecunda, que não têm força suficiente e justeza para ligar suas sensações e suas ideias, produzem fantasmas sem vida e provam, mais sensivelmente que todos os filósofos, nossa impotência para criar.

Eu não acuso, no entanto, aqueles que se servem dessa expressão, para caracterizar com mais força o dom de inventar. O que eu disse se limita a fazer ver que a natureza deve ser o modelo de nossas invenções e que aqueles que a deixam ou a desconhecem não podem nada fazer de bom.

Saber, após isso, por quê os homens por vezes medíocres excelem em invenções que os homens mais esclarecidos não podem alcançar; é esse o segredo do gênio, que eu tentarei explicar.

XV. Do gênio e do espírito

Eu creio que não há gênio sem atividade. Eu creio que o gênio depende em grande parte de nossas paixões. Eu creio que ele se forma com o concurso de muitas diferentes qualidades e conveniências secretas de nossas inclinações com nossas luzes. Quando alguma das condições necessárias falta, o gênio não se dá ou é apenas imperfeito: e se lhe contesta seu nome.

O que forma, pois, o gênio das negociações, ou o da poesia, ou o da guerra, etc., não é um só dom da natureza, como poder-se-ia crer: são várias qualidades, seja do espírito, seja do coração, que estão inseparável e intimamente reunidas.

Assim, a imaginação, o entusiasmo, o talento para pintar, não bastam para fazer um poeta: é preciso ainda que ele tenha nascido com uma extrema sensibilidade para a harmonia, com o gênio de sua língua e a arte dos versos.

Assim, a capacidade de previsão, a fecundidade, a celeridade do espírito sobre os objetos militares, não formariam um grande capitão, se a segurança em situação de perigo, o vigor do corpo em operações laboriosas da profissão e, enfim, uma atividade infatigável não acompanhassem seus outros talentos.

É a necessidade desse concurso de tantas qualidades independentes umas das outras que faz aparentemente que o gênio seja sempre tão raro. Parece que é uma espécie de acaso, quando a natureza reúne esses diversos méritos em um mesmo homem. Eu diria livremente que lhe custa menos para formar um homem de espírito, porque não há necessidade de colocar entre seus talentos essa correspondência que quer o gênio.

Contudo, encontra-se algumas vezes pessoas de espírito que são mais esclarecidas que alguns belos gênios. Mas, seja que suas inclinações compartilham sua aplicação, seja que a fraqueza de sua alma os impede de empregar a força de seu espírito, vê-se que eles permanecem bem longe daqueles que colocam todas as suas forças e toda sua atividade em obra, em favor de um objeto único.

É esse calor do gênio e esse amor por seu objeto que lhe permitem imaginar e inventar sobre esse objeto mesmo. Assim, segundo a tendência de sua alma e o caráter de seu espírito, uns têm a invenção de estilo, outros a do raciocínio, ou a arte de formar sistemas. Alguns grandes gênios quase só parecem ter tido a invenção de detalhe: como tal foi Montaigne. La Fontaine, com um gênio bem diferente do desse filósofo, é, no entanto, um outro exemplo do que eu digo. Descartes, ao contrário, tinha o espírito sistemático e a invenção de desígnio. Mas lhe faltava, creio eu, a imaginação na expressão, que embeleza os pensamentos mais comuns.

À essa invenção do gênio está ligada, como se sabe, um caráter original, que tanto nasce das expressões e dos sentimentos de um autor, tanto de seus planos, de sua arte, de sua maneira de vislumbrar

e arranjar os objetivos. Pois um homem que é dominado pela tendência de seu espírito e pelas impressões particulares e pessoais que ele recebe das coisas, não pode nem quer esconder seu caráter àqueles que o espiam.

Contudo, não é preciso crer que esse caráter original deva excluir a arte de imitar. Eu não conheço grandes homens que não tenham adotado modelos. Rousseau imitou Marot; Corneille, Lucano e Sêneca; Bossuet, os profetas; Racine, os gregos e Virgílio; e Montaigne diz em algum lugar que há nele *uma condição um pouco macaqueada e imitadora*¹. Mas esses grandes homens, ao imitarem, permanecem originais, porque eles tinham mais ou menos o mesmo gênio que aqueles que eles tomavam como modelos; de modo que eles cultivavam seu próprio caráter, sob esses mestres que eles consultavam e que eles ultrapassavam por vezes: ao contrário daqueles que só têm espírito, que são sempre fracos copistas dos melhores modelos e não alcançam nunca sua arte. Prova incontestável de que é preciso gênio para bem imitar e mesmo um gênio extenso para abarcar diversos caracteres: bem ao contrário se a imaginação exclui o gênio.

Eu explico esses pequenos detalhes para tornar esse capítulo mais completo e não para instruir os letrados que não podem ignorá-los. Eu acrescentaria ainda uma reflexão em favor das pessoas menos doutas: é que a primeira vantagem do gênio é a de sentir e conceber mais vivamente os objetos de seu meio do que esses mesmos objetos não são sentidos e percebidos pelos outros homens.

¹ Trata-se dos *Ensaíos*, III, §5, p. 875 da edição P. Villey.

Em relação ao espírito, eu diria que essa palavra foi inicialmente inventada apenas para significar em geral as diferentes qualidades que eu defini, a justeza, a profundidade, o julgamento, etc. Mas porque nenhum homem pode reuni-las todas, cada uma dessas qualidades pretendeu se apropriar exclusivamente do nome genérico; de onde nasceram disputas muito frívolas; pois, no fundo, importa pouco que seja a vivacidade ou a justeza, ou tal outra parte do espírito que leva a honra desse título. O nome não pode nada para as coisas. A questão não é saber se é à imaginação ou ao bom senso que pertence a palavra espírito. O verdadeiro interesse é o de ver qual dessas qualidades, ou das outras que eu nomeei, deve nos inspirar mais estima. Não há delas nenhuma que não tenha sua utilidade e, eu ousou dizer, sua graça. Não seria talvez difícil julgar se há delas mais úteis ou de mais amáveis ou de maiores, umas em relação às outras. Mas os homens são incapazes de convir entre eles sobre o preço das menores coisas. A diferença de seus interesses e de suas luzes manterá eternamente a diversidade de suas opiniões e a contrariedade de suas máximas.

XVI. Do caráter

Tudo o que forma o espírito e o coração está compreendido no caráter. O gênio só exprime a conveniência de certas qualidades; mas as contrariedades mais bizarras entram no mesmo caráter e o constituem. Diz-se de um homem que ele não tem caráter quando

os traços de sua alma são fracos, fúteis, volúveis; mas isso mesmo constitui um caráter e entende-se bem isso.

As desigualdades do caráter influenciam o espírito; um homem é penetrante, ou pesado, ou amável, segundo seu humor.

Confunde-se frequentemente no caráter as qualidades da alma e as do espírito. Um homem é doce e fácil, achamo-lo insinuante; ele tem o humor vivaz e leve, diz-se que ele tem o espírito vivaz; ele é distraído e sonhador, crê-se que ele tem o espírito lento e pouca imaginação. O mundo só julga as coisas pela sua casca, é uma coisa que se diz todos os dias, mas que não se sente suficientemente. Algumas reflexões rápidas sobre os caracteres mais gerais, farão com que nós prestemos atenção a isso.

XVII. Do sério

Um dos caracteres mais gerais, é o sério; mas quantas coisas diferentes há e quantos caracteres estão compreendidos nele? É-se sério por temperamento, por demasiado ou muito poucas paixões, demasiado ou muito poucas ideias, por timidez, por hábito e por mil outras razões.

O exterior distingue todos esses diversos caracteres aos olhos de um homem atento.

O sério de um espírito tranquilo tem um ar doce e sereno.

O sério das paixões ardentes é selvagem, sombrio e iluminado.

O sério de uma alma abatida tem um exterior abatido.

O sério de um homem estéril parece frio, covarde e ocioso.

O sério da gravidade tem um ar correto como ela.

O sério da distração tem facetas singulares.

O sério de um homem tímido não tem quase nunca postura.

Ninguém rejeita, em geral, essas verdades; mas, na falta de princípios bem ligados e bem concebidos, a maior parte dos homens se prende ao detalhe e nas suas aplicações particulares, opostas umas às outras e a eles mesmos; eles fazem ver a necessidade indispensável de bem manejar os princípios mais familiares e de colocá-los todos juntos sob um ponto de vista que descobre nele a fecundidade e a ligação.

XVIII. Do sangue-frio

Nós consideramos por vezes como sendo sangue-frio uma paixão séria e concentrada, que fixa todos os pensamentos de um espírito ardente e os torna insensível à outras coisas.

O verdadeiro sangue-frio vem de um sangue doce, temperado, e pouco fértil em espíritos. Se ele corre com muita lentidão, ele pode tornar o espírito pesado; mas quando ele é recebido por órgãos fáceis e bem conformados, a justeza, a reflexão, e uma singularidade amável frequentemente o acompanham; nenhum espírito é mais desejável.

Fala-se ainda de um outro sangue-frio que dá a força do espírito, sustentado pela experiência e por longas reflexões; sem dúvida é ele o mais raro.

XIX. Da presença de espírito

A presença de espírito poderia ser definida como uma aptidão para aproveitar ocasiões para falar ou para agir. É uma vantagem que faltou frequentemente aos homens mais esclarecidos, que demanda um espírito fácil, um sangue-frio moderado, o uso dos negócios e, segundo as diferentes ocorrências, diferentes vantagens: da memória e da sagacidade na disputa, da segurança nos perigos e, no mundo, dessa liberdade de coração, que nos torna atentos a tudo o que se passa e nos mantém em estado de aproveitar tudo, etc.

XX. Da distração

Há uma distração bastante parecida com os sonhos, que se dá quando nossos pensamentos flutuam e se seguem deles mesmos sem força e sem direção. O movimento dos espíritos fica mais lento pouco a pouco; eles erram ao acaso sobre traços do cérebro e colocam em acordo ideias sem consequência e sem verdade; enfim, os órgãos se fecham; nós não formamos mais do que quimeras e é isso propriamente sonhar com os olhos abertos.

Esse tipo de distração é bem diferente daquela na qual a meditação nos joga. A alma obsessiva, na meditação, por um objeto que fixa sua vista e a preenche inteira, age muito nesse repouso. É um estado totalmente oposto; contudo, ela se torna a outra em seguida, esgotada por suas reflexões.

XXI. Do espírito de jogo

É um tipo de gênio o espírito de jogo, porque ele depende igualmente da alma e da inteligência. Um homem para quem uma perda confunde ou intimida, para quem o ganho torna-o muito apostador, um homem avaro, não são mais feitos para jogar do que aqueles que não podem alcançar o espírito de combinação. É preciso, pois, um certo grau de luz e de sentimento, a arte das combinações, o gosto do jogo e o amor mesurado pelo ganho.

Surpreende-se, erroneamente, que estúpidos possuam essa fraca vantagem. O hábito e o amor pelo jogo, que mudam toda sua aplicação e sua memória por essa única via, suplementam o espírito que lhe falta.

SELEÇÃO DAS *REFLEXÕES E MÁXIMAS*

§1: É mais fácil dizer coisas novas do que conciliar as que foram ditas.

§2: O espírito do homem é mais penetrante do que conseqüente e abraça mais do que ele pode juntar.

§3: Quando um pensamento é muito fraco para carregar uma expressão simples, essa é a marca para rejeitá-lo.

§4: A claridade orna os pensamentos profundos.

§5: A obscuridade é o reino do erro.

§6: Não haveria erros que não pereciam de si mesmos, se dados claramente.

§7: O que leva frequentemente ao erro de cálculo de um escritor é que ele crê mostrar as coisas tais como ele as percebe ou que ele as sente.

§8: Proscrever-se-ia menos os pensamentos de uma obra, se se as concebesse como o autor.

§9: Quando um pensamento se oferece a nós como uma profunda descoberta e que nós penamos para desenvolvê-lo, nós descobrimos frequentemente que é uma verdade que corre na boca do povo.

§211: Eu amo um escritor que abraça todos os tempos e todos os países e relaciona muitos efeitos a poucas causas; que compara os preconceitos e os costumes de diferentes séculos; que, por exemplos tirados da pintura ou da música, me faz conhecer as belezas da eloquência e a estreita ligação das artes. Eu digo de um homem que aproxima assim as coisas humanas, que ele tem um grande gênio, se suas conseqüências são justas. Mas se ele conclui mal, eu presumo que ele distingue mal os objetos, ou que ele não percebe de uma só visada todo seu conjunto e que, enfim, alguma coisa falta à extensão ou à profundidade de seu espírito.

§212: Discerne-se facilmente a verdadeira da falsa extensão de espírito; pois uma engrandece seus assuntos e a outra, por abuso dos episódios e pelo fastio da erudição, os mata.

§213: Alguns exemplos dados em poucas palavras e em seu lugar, fazem mais estrondo, dão mais peso e mais autoridade às reflexões; mas muitos exemplos e muitos detalhes enervam sempre um discurso. As digressões demasiado longas ou demasiado frequentes rompem a unidade do assunto e cansam os leitores sensatos, que não querem que se os desvie do objeto principal e que, aliás, não

podem seguir, sem muita dificuldade, uma muito longa cadeia de fatos e de provas. Não se poderia aproximar muito as coisas, nem muito cedo concluir. É preciso perceber de um só golpe a verdadeira prova de seu discurso e correr até a conclusão. Um espírito agudo foge dos episódios e deixa aos escritores medíocres o cuidado de se demorar a colher as flores que se encontram sobre seu caminho. Cabe a eles divertir o povo, que lê sem objeto, sem penetração e sem gosto.

§214: O estúpido que tem muita memória é pleno de pensamentos e de fatos; mas ele não sabe concluir nada deles: tudo depende disso.

§215: Saber bem aproximar as coisas, eis o espírito justo. O dom de aproximar muitas coisas e grandes coisas, faz os espíritos vastos. Assim a justeza parece ser o primeiro grau e uma condição muito necessária da verdadeira extensão de espírito.

§216: Um homem que digere mal e que é voraz talvez seja uma imagem bastante fiel do caráter de espírito da maioria dos doutos.

§217: Eu não aprovo a máxima que quer *que um homem honesto saiba um pouco de tudo*. Saber superficialmente e sem princípios é o mesmo que saber quase sempre inutilmente e por vezes perniciosamente. É verdade que a maior parte dos homens não é muito capaz de conhecer profundamente; mas é verdade também que essa ciência superficial que eles procuram só serve para contentar sua vaidade. Ela atrapalha aqueles que possuem um verdadeiro gênio; pois ela os

desvia necessariamente de seu objeto principal, consoma sua aplicação nos detalhes e sobre objetos estranhos às suas necessidades e aos seus talentos naturais; e, enfim, ela não serve, como eles se gabam, para provar a extensão de seu espírito. Em todo tempo, viu-se homens que sabiam muito com um espírito muito medíocre; e, ao contrário, espíritos muito vastos que sabiam muito pouco. Nem a ignorância é uma falta de espírito, nem o saber é uma prova de gênio.

§272: O erro acrescentado à verdade não a aumenta, de modo algum. Admitir maus gêneros não é alongar a carreira das artes; é depreciar o gosto; é corromper o julgamento dos homens, que se deixa facilmente seduzir pelas novidades e que, misturando em seguida o verdadeiro e o falso, se desvia logo em suas produções da imitação da natureza e se empobrece assim em pouco tempo pela vã ambição de imaginar e de se desviar dos antigos modelos.

§273: O que nós chamamos de pensamento brilhante é apenas, ordinariamente, uma expressão capciosa que, com a ajuda de um pouco de verdade, nos impõe um erro que nos surpreende.

§274: Diz-se que quem tem mais, tem menos: isso é falso. O rei da Espanha, todo poderoso que é, nada pode em Lucca. Os limites de nossos talentos são ainda mais inquebrantáveis que os dos impérios; e usurpar-se-ia antes toda a Terra do que a menor virtude.

§275: A maior parte dos grandes personagens é formada por homens de seus séculos, os mais eloquentes. Os autores dos mais belos sistemas, os chefes de partidos e de seitas, aqueles que tiveram em todos os tempos mais império sobre o espírito dos povos, só deveram a melhor parte de seus sucessos à eloquência viva e natural de suas almas. Não parece que eles tenham cultivado a poesia com a mesma felicidade. É que a poesia não permite muito que se a compartilhe e uma arte tão sublime e tão penível raramente se pode aliar com o embaraço dos negócios e as ocupações tumultuosas da vida: ao passo que a eloquência se mistura com tudo e que ela deve a maior parte de suas seduções ao espírito de mediação e de artifício, que forma os homens de estado e os políticos, etc.

§276: É um erro próprio aos grandes quando creem que podem prodigar sem consequências suas palavras e suas promessas. Os homens sofrem muito de que se lhes retire aquilo de que eles se apropriaram pela esperança. Não se os engana por muito tempo sobre seus interesses e eles não odeiam nada tanto quanto serem enganados. É por essa razão que é tão raro que a perfídia tenha sucesso; é preciso sinceridade e retidão, mesmo para seduzir. Aqueles que abusaram dos povos sobre algum interesse geral, eram fiéis aos particulares. Sua habilidade consistia em cativar os espíritos por vantagens reais. Quando se conhece bem os homens e se quer fazê-los servir a seus desígnios, não se coloca iscas tão frívolas quanto essas dos discursos e das promessas. Assim os grandes oradores, se me é permitido juntar essas duas coisas, não se esforçam por impor por um tecido de adulações e de imposturas,

por uma dissimulação contínua, e por uma linguagem puramente engenhosa. Se eles procuram iludir sobre algum ponto principal, é apenas à força de sinceridade e de verdades de detalhe; pois a mentira é fraca por ela mesma: é preciso que ela se esconda com cuidado; e se acontece que se persuade de alguma coisa através de discursos capciosos, isso não ocorre sem muito esforço. Seria muito equivocado de concluir daí que seja nisso que constitui a eloquência. Julgamos ao contrário por esse poder das simples aparências da verdade, quanto a verdade ela mesma é eloquente e superior à nossa arte.

§277: Um mentiroso é um homem que não sabe enganar; um bajulador, aquele que só engana ordinariamente os estúpidos. Aquele que sabe se servir com habilidade da verdade e que conhece dela a eloquência, pode, só ele, pretender ser hábil.

§278: É verdade que as qualidades dominantes excluem as outras? Quem tem mais imaginação do que Bossuet, Montaigne, Descartes, Pascal, todos grandes filósofos? Quem tem mais julgamento e sabedoria do que Racine, Boileau, La Fontaine, Molière, todos poetas plenos de gênio?

§279: Descartes pôde se enganar em alguns dos seus princípios e não se enganar de modo algum em suas consequências, senão que raramente. Estar-se-ia, pois, em erro, parece-me, ao concluir de seus erros que a imaginação e a invenção não se acordam com a justeza. A grande vaidade daqueles que não imaginam é a de se crerem

apenas eles judiciosos. Eles não prestam atenção ao fato de que os erros de Descartes, gênio criador, foram os de três ou quatro mil filósofos, todos sem imaginação. Os espíritos subalternos não têm qualquer erro sob seu nome privado, porque eles são incapazes de inventar, mesmo se enganando; mas são sempre levados sem sabê-lo, pelo erro de outrem; e quando eles se enganam eles mesmos, o que pode acontecer com frequência, é em detalhes e consequências. Mas seus erros não são nem suficientemente verossímeis para serem contagiosos, nem suficientemente importantes para fazer barulho.

§280: Aqueles que nasceram eloquentes falam algumas vezes com tanta clareza e brevidade sobre as grandes coisas, que a maioria dos homens não imaginam que eles falem com profundidade. Os espíritos pesados, os sofistas não reconhecem a filosofia, quando a eloquência a torna popular e que ela ousa pintar o verdadeiro com tiradas orgulhosas e ousadas. Eles tratam como superficial e frívolo esse esplendor da expressão que traz consigo a prova dos grandes pensamentos. Eles querem definições, discussões, detalhes e argumentos. Se Locke tivesse fornecido vivamente em poucas páginas as sábias verdades de seus escritos, eles não teriam ousado considerá-lo dentre os filósofos de seu século.

§281: É uma desgraça que os homens não possam ordinariamente possuir nenhum talento sem ter algum desejo de rebaixar os outros. Se eles têm a fineza, eles rebaixam a força; se eles são geômetras ou físicos, eles escrevem contra a poesia e a eloquência; e as pessoas do mundo, que não pensam que aqueles que exceleram em algum

gênero julgam mal a propósito de um outro talento, se deixam prevenir por suas decisões. Assim, quando a metafísica ou a álgebra estão em moda, são metafísicos ou matemáticos que fazem a reputação dos poetas e dos músicos; ou tudo ao contrário: o espírito dominante sujeita os outros a seu tribunal e a maior parte do tempo a seus erros.

§282: Quem pode se vangloriar de julgar ou de inventar ou de compreender, em todas as horas do dia? Os homens só têm uma pequena porção de espírito, de gosto, de talento, de virtude, de alegria, de saúde, de força, etc.; e esse pouco que eles têm à disposição, eles não possuem à sua vontade, nem na necessidade, nem em quaisquer das idades.

§283: É uma máxima inventada pelo desejo, e muito levemente adotada pelos filósofos, a de que *não se deve louvar os homens antes de suas mortes*. Eu digo, ao contrário, que é durante suas vidas que é preciso louvá-los, quando eles mereceram sê-lo. É enquanto a inveja e a calúnia, animadas contra suas virtudes ou seus talentos, se esforçam por degradá-los, que é preciso ousar lhes dar testemunho. São as críticas injustas que é preciso temer de fazer e não os elogios sinceros.

§284: A inveja não saberia se esconder. Ela acusa e julga sem provas; ela aumenta os defeitos; ela tem qualificações enormes pelas menores faltas; sua linguagem é cheia de fel, de exagero e de injúria.

Ela se obstina com resolução e com furor contra o mérito brilhante.
Ela é cega, irascível, insensata, brutal.

§285: É preciso excitar nos homens o sentimento de sua prudência e de sua força, se se quer elevar seu gênio. Aqueles que, por seus discursos ou seus escritos, só se importam em mostrar os ridículos e as fraquezas da humanidade, sem distinção nem considerações, esclarecem bem menos a razão e os julgamentos do público do que eles depravam suas inclinações.

§286: Eu não admiro nem um pouco um sofista que reclama contra a glória e contra o espírito dos grandes homens. Abrindo meus olhos sobre a fraqueza dos mais belos gênios, ele me ensina a apreciá-lo pelo que ele pode valer. Ele é o primeiro que eu risco do quadro dos homens ilustres.

§287: Nós nos equivocamos muito ao pensar que qualquer defeito que seja possa excluir toda virtude, ou de considerar a aliança do bem e do mal como um monstro e como um enigma. É por falta de penetração que nós conciliamos tão poucas coisas.

§288: Os falsos filósofos se esforçam em chamar a atenção dos homens, fazendo marcar em nosso espírito contrariedades e dificuldades que eles mesmos é que formam; como outros divertem as crianças com truques de cartas que confundem seu julgamento, ainda que naturais e sem magia. Esses que amarram assim as coisas para ter o mérito de desamarrá-las, são charlatães da moral.

§337: Dois estudos são importantes: a eloquência e a verdade; a verdade, para dar um fundamento sólido à eloquência e bem dispor nossa vida; a eloquência, para dirigir a conduta dos outros homens e defender a verdade.

§338: A maior parte dos grandes assuntos se tratam por escrito; não basta, portanto, saber falar: todos os interesses subalternos, os engajamentos, os prazeres, os deveres da vida civil, demandam que se saiba falar; é, pois, pouco saber escrever. Nós teríamos necessidade todos os dias de unir uma e outra eloquência; mas nenhuma pode se adquirir, se de início não se saber pensar e não se sabe muito bem pensar se não se tem princípios fixos e vindos da verdade. Tudo confirma nossa máxima: o estudo do verdadeiro primeiramente, a eloquência depois.

§369: Há poucas coisas que nós saibamos bem.

§370: Se não se escreve porque se pensa, é inútil pensar para escrever.

§371: Tudo o que se pensou pelos outros é ordinariamente pouco natural.

§372: A clareza é a boa fé dos filósofos.

§373: A nitidez é o verniz dos mestres.

§374: A nitidez evita as longuras e serve como prova às ideias.

§375: A marca de uma expressão própria é que mesmo nos equívocos, só se pode dar-lhe um sentido.

LÍSIAS OU A FALSA ELOQUÊNCIA

Lísias sabe ornar uma história com algumas cores; ele conta agradavelmente e ele embeleza o que ele toca. Ele adora falar; ele escuta pouco; ele se faz escutar por muito tempo e se estende sobre bagatelas, a fim de colocar nelas todas as suas flores. Ele não penetra aqueles com quem ele fala; ele não procura penetrá-los; ele não conhece nem seus interesses, nem seus caracteres, nem seus desígnios. Bem longe de procurar agradar suas paixões ou suas esperanças, ele age sempre com eles como se não tivessem outra coisa a fazer que não fosse escutá-lo e rir de suas piadas. Ele tem espírito apenas para si; ele não deixa aos outros nem mesmo o tempo de ter espírito para lhe agradar. Se alguém estranho para ele tem a ousadia de contradizê-lo, Lísias continua a falar ou, se ele é obrigado a lhe responder, ele afeta de dirigir a palavra a qualquer outro que não aquele que poderia corrigi-lo. Ele toma por juiz daquilo que lhe dizem, algum indulgente que não tem o cuidado de pensar diferentemente dele. Ele sai do assunto do qual se fala e ele se esgota em comparações. À propósito de uma pequena experiência de física, ele fala de todos os sistemas de física. Ele crê orná-los, deduzi-los, e ninguém os entende. Ele acaba dizendo que um homem que inventa uma poltrona mais cômoda rende mais serviço ao Estado do que aquele que criou um novo sistema de filosofia. Lísias não quer, contudo, que se creia que ele ignora as coisas menos importantes. Ele leu até os viajantes e as relações dos missionários. Ele relata ponto por ponto os hábitos de Abissínia e

as leis do Império da China. Ele diz o que constitui a beleza na Etiópia e ele conclui que a beleza é arbitrária, porque ela muda segundo os países. Lísias foi mais modesto, mais amável e mais indulgente. A velhice que fixa as fortunas, destrói as virtudes. Aqueles que veem hoje Lísias ficam suficientemente persuadidos de seu espírito, mas nenhum fica contente dele; ninguém se lembra de seus discursos, ninguém é tocado por eles, ninguém tem o desejo de se ligar a ele. Ele tem posses magníficas, uma mesa muito delicada para pessoas de baixa extração que o aplaudem. Ele mora em um palácio; são as vantagens que ele conquista por ter muito espírito e uma fortuna maior ainda.

DIÁLOGOS ENTRE DEMÓSTENES E ISÓCRATES

Isócrates

Eu vejo com alegria o mais eloquente de todos os homens. Eu cultivei tua arte por toda a minha vida e teu nome e teus escritos me são caros.

Demóstenes

Você não me é menos, meu caro Isócrates, porque você ama a eloquência; é um talento que eu idolatrei. Mas havia, no meu tempo, filósofos que a estimavam pouco e que a tornavam desprezível ao povo.

Isócrates

Não seria antes porque, em teu tempo, a eloquência não se encontrava ainda em sua perfeição?

Demóstenes

Ah, meu caro Isócrates, você diz o que é muito verdadeiro. Havia, no meu tempo, muitos declamadores e sofistas, muitos escritos engenhosos, harmoniosos, floridos, elegantes, mas poucos

verdadeiros oradores; esses maus oradores tinham acostumado os homens a ver sua arte como um jogo de espírito, sem utilidade e sem consistência.

Isócrates

Não seria porque todos eles tendiam, em seus discursos, a persuadir e a convencer?

Demóstenes

Não, eles não pensavam em nada menos do que isso. Para não mexer com nossa delicadeza, eles não queriam nada provar; para não ferir a razão, eles não ousavam nada comover: eles substituíam, em todos os seus escritos, a veemência pela fineza, o sentimento pela arte e os grandes movimentos pelos traços; eles discutiam por vezes sobre o que era preciso pintar e eles tratavam jocosamente o que eles deveriam aprofundar; eles fardavam as maiores verdades com expressões afetadas, brincadeiras fora de lugar e uma linguagem preciosista; sua má delicadeza lhes faziam rejeitar o estilo decisivo, em lugares mesmo onde ele é mais necessário: do mesmo modo, eles deixavam sempre o espírito dos ouvintes em uma perfeita liberdade e em uma profunda indiferença. Eu lhes gritava com toda a minha força: aquele que tem sangue frio não acalora; aquele que duvida não persuade; não foi assim que falaram nossos mestres! Nós nos orgulharíamos em conhecer mais perfeitamente a verdade do que esses grandes homens, por que nós a tratamos mais

delicadamente? É porque nós não a possuímos como eles que nós não sabemos lhe conservar sua autoridade e sua força.

Isócrates

Meu caro Demóstenes, permita-me interromper-te: por acaso você pensa que a eloquência seja a arte de colocar em dia a verdade?

Demóstenes

Pode-se servir dela por vezes para insinuar uma mentira; mas é por uma enxurrada de verdades de detalhes que se chega a iludir sobre o objeto principal. Um discurso, tecido de mentiras e pensamentos falsos, que seja pleno de espírito e de imaginação, seria fraco e não persuadiria ninguém.

Isócrates

Você crê então, meu caro Demóstenes, que não basta pintar e comover para fazer um discurso eloquente?

Demóstenes

Eu creio que se pinta mal quando não se pinta a verdade; eu creio que não se comove absolutamente, quando não se sustenta o patético de seus discursos pela força de suas razões; eu creio que pintar e tocar são partes necessárias da eloquência, mas que é preciso

acrescentar, para persuadir e para convencer, uma grande superioridade de raciocínio.

Isócrates

Tem-se, pois, segundo você, apenas uma fraca eloquência quando não se tem ao mesmo tempo uma igual superioridade de razão, de imaginação e de sentimento; quando não se tem uma alma forte e plena de luzes, que domina por todos os lados os outros homens?

Demóstenes

Eu gostaria de acrescentar ainda a elegância, a pureza e a harmonia; pois, ainda que sejam coisas menos essenciais, elas contribuem, contudo, muito à ilusão e dão uma nova força às razões e às imagens.

Isócrates

Assim você gostaria que um orador tivesse inicialmente o espírito profundo e filosófico, para falar com solidez e com ascendência; que ele tivesse em seguida uma grande imaginação, para impressionar a alma por suas imagens e paixões veementes, para engendrar as vontades. É surpreendente que se encontre tão poucos oradores, se é preciso tantas coisas para formá-los?

Demóstenes

Não, não é surpreendente que haja tão poucos oradores; mas é extraordinário que tantas pessoas acreditem sê-lo. Adeus, eu sou obrigado a deixar-te; mas eu te reencontrarei logo, e nós retomaremos, se você o quiser, nosso assunto.

Isócrates

Eu o revejo com prazer, ilustre orador: você quase me persuadiu de que eu não conhecia a eloquência; mas eu tenho ainda algumas questões a te fazer.

Demóstenes

Fale, não percamos tempo; eu ficarei feliz de te fazer aprovar minhas máximas.

Isócrates

Você crê que todos os assuntos sejam suscetíveis de eloquência?

Demóstenes

Eu não duvido disso; há sempre uma maneira de dizer as coisas, quaisquer que elas sejam, mais insinuante, mais persuasiva: a grande arte é, creio eu, a de colocar em proporção seu discurso a seu assunto; degrada-se um grande assunto quando se quer orná-lo, embelezá-lo, semeá-lo com flores e tiradas. É ainda uma falta mais chocante quando, excitando pequenos interesses, quer-se excitar grandes movimentos, quando se emprega grandes figuras, reviravoltas patéticas: tudo isso se torna ridículo quando é fora de lugar e nisso constitui a falta de todos os declamadores, de todos os escritores que não escrevem com gênio, mas por imitação.

Isócrates

Eu fiquei sempre chocado, mais do que ninguém, diante dessa falta.

Demóstenes

Aqueles que a cometem ficam chocados eles mesmos, quando eles a percebem nos outros. Há poucos escritores que não saibam as regras, mas há poucos deles que possam praticá-las: sabe-se, por exemplo, que é preciso escrever simplesmente; mas não se pensa sobre coisas suficientemente sólidas para sustentar a simplicidade; sabe-se que é preciso dizer coisas verdadeiras; mas, como não se as imagina, supõe-se elas especiosas e impressionantes; em uma palavra, não se tem o talento para escrever e se quer escrever.

Isócrates

Daí não apenas o mau estilo, mas o mau gosto; pois, quando se é afastado dos bons princípios por fraqueza, procura-se justificar-se por vaidade e vangloria-se em autorizar as novidades mais bizarras, dizendo que é preciso não excluir nenhum gênero, como se o falso, o frívolo e o insípido merecessem esse nome.

Demóstenes

Há mais, meu caro Isócrates; não se contenta de dizer coisas sensatas, quer-se dizer coisas novas.

Isócrates

Mas esse cuidado seria condenável? Os homens têm necessidade que se os entretenha com o que eles sabem?

Demóstenes

Sim, muita necessidade; pois não há nada que eles não possam melhor possuir que eles não possuam e não há nada tampouco que um homem eloquente não possa rejuvenescer por suas expressões.

Isócrates

Segundo você, nada é desgastado nem para o povo, nem para seus mestres?

Demóstenes

Eu digo mais, meu caro Isócrates; a eloquência só deve se exercer sobre as verdades mais palpáveis e as mais conhecidas. O caráter das grandes verdades é a antiguidade; a eloquência que só gira em torno de pensamentos finos ou abstratos, degenera em sutileza; é preciso que os grandes escritores imitem os pastores dos povos: esses não anunciam aos homens uma nova doutrina e novas verdades. Não é preciso que um escritor tenha mais amor próprio; se ele tem em vista a utilidade para os homens, ele deve se esquecer e falar somente para ensinar coisas úteis.

Isócrates

Eu não segui, meu caro mestre, essas máximas. Eu procurei, ao contrário, com muito cuidado, me afastar das máximas vulgares: eu quis surpreender os homens, ao lhes apresentar sob novas faces as coisas que eles acreditavam conhecer; eu degradei o que eles estimavam, eu louvei o que eles desprezavam; eu sempre tomei em consideração o lado contrário das opiniões recebidas, sem me inquietar com a verdade; eu debochei sobretudo daquilo que era tratado seriamente; os homens foram enganados por esse desdém

afetado; eles acreditaram-me superior às coisas que eu desprezava. Eu não estabeleci nada, mas eu me determinei em destruir: isso me deu um grande número de seguidores, pois os homens são muito ávidos por novidades.

Demóstenes

Você tinha o espírito fino, engenhoso, profundo; você não tinha falta de imaginação; você sabia muito; tuas obras são plenas de espíritos, de traços, de elegância, de erudição; você tinha um gênio extenso, capaz igualmente de muitas coisas: com tão grandes vantagens, você não podia deixar de se impor ao teu século, no qual havia poucos homens que te igualavam.

Isócrates

Eu tinha talvez uma parte das qualidades que você me atribuiu; mas eu não tinha a elevação no gênio, a sensibilidade e a paixão: essa falta de sentimento corrompeu meu julgamento sobre muitas coisas; pois, quando se tem um pouco de espírito, crê-se em direito de tudo julgar.

Demóstenes

Você reconhece falhas que eu não ousaria jamais fazer-te conhecer.

Isócrates

Eu não teria perdoado, tanto que eu vivi, quem quer que tivesse tido a ousadia de fazer-me conhecê-los. Os homens desejam frequentemente que se lhes diga a verdade; mas há muitas verdades que são demasiado fortes para eles e que eles não saberiam suportar; há algumas mesmo em que não podemos acreditar, porque não se é capaz de senti-las. Assim, pede-se a seus amigos que sejam sinceros; e quando eles o são, se os crê injustos ou cegos e distancia-se deles: mas, aqui, está-se curado de todas as vãs delicadezas e a verdade não fere mais. Mas voltemos a nosso assunto: diga-me quais são as qualidades que você exigiria em um orador.

Demóstenes

Eu já te disse: um grande gênio, uma forte imaginação, uma alma sublime. Eu gostaria, pois, que um homem, que nasceu com essa superioridade de gênio que leva a querer reinar sobre os espíritos, aprofundasse, de início, os grandes princípios da moral; pois todas as disputas dos homens só giram em torno do justo e do injusto, do verdadeiro e do falso; e a eloquência é a mediadora dos homens, que termina todas essas disputas. Eu gostaria que um homem eloquente tivesse condições de levar todas essas ideias para além da expectativa daqueles que o escutam, que ele saísse dos limites de seus julgamentos e que por suas luzes ele os dominasse, ao mesmo tempo em que eles os domina pela força de sua imaginação e pela veemência de seus sentimentos. Seria preciso que ele fosse grande e

simples, enérgico e claro, veemente sem declamação, elevado sem ostentação, patético e forte sem inflamação. Eu amo ainda que ele seja ousado e que ele seja capaz de tomar um grande impulso; mas eu quero que se seja forçado a segui-lo em seus desvios, que ele saia naturalmente de seu assunto e que a ele retorne, sem o socorro dessas transições sem energia e metódicas, que esfriam os melhores discursos. Eu quero que ele não tenha nunca arte ou, ao menos, que sua arte consista em pintar a natureza mais fielmente, em colocar as coisas em seu lugar, em dizer apenas o que é preciso e da maneira que é preciso. Tudo o que se desvia da natureza é defeituoso tanto quanto mais dela se afasta: o sublime, a veemência, o raciocínio, a magnificência, a simplicidade, a ousadia, todas essas coisas juntas são apenas a imagem de uma natureza forte e vigorosa; quem quer que não tenha essa natureza não pode imitá-la. É por isso que vale mais escrever friamente do que se pendurar e se atormentar para dizer ou grandes coisas ou coisas apaixonadas.

Isócrates

Eu penso como você, meu caro Demóstenes; mas sendo assim as regras se tornam inúteis: os homens sem gênio não podem praticá-las e os outros as encontram em seu próprio fundo, de onde elas são tiradas.

Demóstenes

Qualquer gênio que se possa ter, tem-se necessidade de exercê-lo e de corrigi-lo pela reflexão e pelas regras, e os preceitos não são absolutamente inúteis.

Isócrates

Qual é, pois, a maneira mais curta para aprender a eloquência?

Demóstenes

A conversação, quando se propõe nela algum objeto.

Isócrates

Assim, é tratando de seus prazeres e de seus afazeres, negociando diariamente com os homens, que se pode instruir-se dessa arte amável?

Demóstenes

Sim, é nesse comércio do mundo que se esgotam essas astúcias naturais, essas insinuações, essa linguagem familiar, essa arte de se proporcionar a todos os espíritos, que demandam um gênio tão vasto: é aí que se aprende, sem esforço, a desenvolver os recursos de seu espírito e de sua alma; a imaginação se excita pela contradição

ou pelo interesse e fornece um grande número de figuras e de reflexões para persuadir.

Isócrates

Contudo, meu caro Demóstenes, eu creio que é preciso também um pouco de solidão e de hábito de escrever em seu gabinete: é no silêncio do resguardo que a alma, mais a sós e mais recolhida, se eleva a esses grandes pensamentos e a esse entusiasmo natural que transportam o espírito, levando ao sublime, e produzindo todos esses grandes movimentos que a arte nunca excitou. A leitura dos grandes poetas não é mais inútil; mas é preciso ter o gênio poético para perceber seu espírito e é preciso, ao mesmo tempo, ter a sabedoria para acordar seu estilo à simplicidade dos assuntos de que se trata; assim, eis bastante méritos a se juntar. Mas, tudo considerado, meu caro Demóstenes, não se persuadirá nunca o povo de que a eloquência seja uma arte útil.

Demóstenes

Eu pretendo que não há nenhuma que o seja mais: não há nem prazer, nem afazer, nem conversação, nem intriga, nem discurso público, onde a eloquência não tenha autoridade; ela é necessária aos particulares, em todos os detalhes da vida; ela é mais necessária às pessoas de posição, porque ela lhes serve para guiar os espíritos, para colorir suas intenções, para governar os povos, para negociar com vantagem diante dos estrangeiros; ademais, ela espalha sobre

toda uma nação um grande barulho, ela eterniza a memória das grandes ações. Os estrangeiros são obrigados a procurar em suas obras-primas a arte de pensar e de se exprimir; ela eleva e instrui, ao mesmo tempo, o espírito dos homens; ela faz passar pouco a pouco em seus pensamentos a elevação e os sentimentos que lhe são próprios. Homens que pensam grande e fortemente estão sempre mais dispostos do que os outros a se conduzir com sabedoria e com coragem.

Isócrates

Eu desejo mais do que ninguém que os homens possam crer em você.

Demóstenes

Eles não crerão em mim, meu caro Isócrates; pois há muitas razões para que a eloquência não se recupere nunca. Mas a verdade é independente das opiniões e dos interesses dos homens; e, enfim, o número dos que podem degustar certas verdades é bem pequeno; mas ele merece que se não a negligencie e é para ele apenas que se faz preciso escrever.

EXTRATOS DE UM DISCURSO SOBRE A ELOQUÊNCIA

Há poucos assuntos, na literatura, sobre os quais parece mais inútil dar regras do que sobre a eloquência. Mesmo quando as obras dos mestres não seriam lições vivazes de sua arte, poder-se-ia encontrar nelas ainda todos os princípios, distintamente expressos em diversos escritos, e eu creio que é difícil acrescentar qualquer reflexão essencial a tantas observações feitas em diversos tempos. É disso que se teria, contudo, dificuldade em se deixar persuadir, vendo o quanto todas essas regras são pouco observadas, se não se soubesse até que ponto os homens são inclinados a negligenciar as coisas mesmas que eles sabem melhor. Quem não ouviu dizer ou não leu que é preciso escrever com simplicidade? Mas quem é que observa essa regra? Será por desprezo dessas máximas muito conhecidas ou por impotência em praticá-las que se segue rotas tão diferentes? Eu creio que é por uma e por outra dessas razões.

É-se sempre levado a crer que o gênero ao qual aplica-se é muito superior a todos os outros e, qualquer que seja esse gênero, debocha-se daqueles que querem lembrar dos velhos princípios, como sendo pessoas de um espírito limitado, que têm vistas estreitas e curtas. É assim que homens, nascidos com o espírito falso, mas com algum espírito, seduzem, pouco a pouco, os outros que não têm o mesmo espírito e acostuma-se a julgar, não segundo as regras, mas segundo a moda. Se pudesse se encontrar bons autores na mesma época em que os outros corrompem o gosto, o erro teria

seus seguidores, porque há sempre um grande número de espíritos falsos e superficiais; mas a razão predominaria e o bom gosto seria, ao menos, o dominante. O azar quer que, quando a natureza faz nascer desses homens que têm suficiente espírito para corromper o julgamento dos outros, não se acha, ao mesmo tempo, maiores homens para corrigi-lo. Não há mais então do que os escritos dos velhos autores que podem servir de peças de comparação e nossa nação não lê muito, senão livros novos. Qual outro remédio há contra esse desprezo, se não o de fazer reaparecer em nossas obras essas velhas máximas que se contenta de ver uma vez nos originais e que se esquece em seguida com tanta prontidão? Como faziam os antigos filósofos em suas escolas? Diziam sempre coisas novas? Não, sem dúvida; pois eles seriam afastados frequentemente da verdade e teriam tomado imaginações confusas por novidades. O que faziam eles então? Eles explicavam os velhos princípios da filosofia; eles os reproduziam em diversos termos, para melhor inculcá-los na memória e impedir os homens de esquecê-los; eles só se aplicavam em manter em sua pureza as verdades antigas e em fazê-las entrar sem cessar no espírito dos homens. Essa avidez que nós temos hoje pelos pensamentos novos é uma das maiores marcas de nossa frivolidade e um dos maiores obstáculos à verdade. Por aí, bane-se do discurso a eloquência, pois se a reduz à condição de exercer-se sobre ideias finas ou abstratas, sobre sutilezas e fantasmas, apesar de que ela só devesse se exercer sobre as verdades mais importantes e mais palpáveis, sobre essas verdades que todos os homens levam em germe em seu fundo e cuja expressão só parece gasta porque elas são maiores e mais úteis do que as outras.

Nada é demasiadamente gasto para os homens, pois não há nada que eles não possam saber melhor do que o que eles sabem; nada é demasiado velho para os homens eloquentes, pois não há nada que eles não possam rejuvenescer e tornar ainda mais agradável pela força e o charme de suas expressões; mas tudo é gasto e se torna inútil para aqueles que só leem ou escrevem por vaidade, sem gênio, sem gosto, sem justiça, sem amor pela verdade.

Se houvesse, em Paris, um lugar onde os homens que têm algum talento para a palavra pudessem reunir os jovens e pronunciar diante deles discursos ou repletos de preceitos de eloquência, ou escritos sobre outros assuntos; onde os jovens mesmos pudessem, quando eles o quisessem, praticar a palavra, com o risco de serem ridicularizados e desprezados quando eles se expusessem mal, eu não duvido que isso sirva muito para manter o bom espírito e o bom gosto.

Estar-se-ia em grande equívoco julgando autores dos quais falo pelas passagens que eu cito: essas passagens podem ser mal escolhidas; tiradas de seu lugar, elas podem não realizar sua impressão; enfim, elas representam apenas uma pequena parte das belezas de gênero diferente das quais as obras desses grandes homens estão repletas. Aqueles que leram as obras das quais falo sabem bem que não é possível fazê-las conhecer por passagens tão curtas; mas eles não precisam que se diga mais sobre elas, para se lembrar do que eles leram. Em relação àqueles que nada leram, eu só faço indicar-lhes as fontes do belo, sem pretender prevenir ou forçar seu julgamento. Eu sou como esses antiquários que, nas grandes cidades, se vendem aos estrangeiros para mostrar as belezas

do país: essas pessoas ouviram falar das obras-primas de sua pátria; por exemplo, em Roma, eles levam os estrangeiros à Igreja de São Pedro e lhes dizem: “Vocês veem essa estátua? Ela é de Bernini; admirem a ousadia dessa figura, ela é de Michelangelo”. Os estrangeiros que não têm gosto se prendem a essas instruções; mas aqueles que estão em estado de julgar por si mesmos, veem bem além do que lhes é mostrado e eles levam suas reflexões muito mais longe do que aqueles que fazem profissão de falar aos outros sobre esses tipos de coisas. E que não se diga que franceses não têm necessidade de que se os advirta das belezas de seus próprios escritores: isso pode ser verdade em relação aos poetas de quem os versos permanecem facilmente na memória e que faz-se reaparecer frequentemente no teatro; isso pode ser verdadeiro em relação aos historiadores, porque o estudo da história entra na educação da juventude; mas isso não é de modo algum verdadeiro para as obras de pura eloquência; pois poucas pessoas as leem e menos ainda se lembram do que leram. Somos, aliás, da opinião de que nós não igualamos absolutamente os antigos pela eloquência e isso pode bem ser verdadeiro em relação a vários deles; eles conheceram melhor essa arte do que nós; mas eu duvido que eles tenham feito ver mais gênio. Lê-se muito mais Demóstenes e Cícero do que Bossuet e Pascal; contudo, eu não creio que haja menos a aproveitar em uns do que em outros e, enfim, eu ousa afirmar que só se poderia ganhar infinitamente ao se colocar em estado de compará-los e ao tirar de uns e dos outros o que eles tiveram de próprio e de excelente. Se se ocupasse bem da leitura desses grandes homens, talvez não se alcançasse, mesmo se com gênio, a altura de seus

pensamentos e esse caráter original que lhes pertence; mas, ao menos, aprender-se-ia, com seu comércio, a desprezar os ornamentos frívolos, os pequenos traços, as astúcias propositais, e as vistas que só são engenhosas; talvez não se seria forte; mas, ao menos, ser-se-ia simples; talvez não se seria sublime; mas, ao menos, ser-se-ia razoável e verdadeiro.

PLANO DE UM LIVRO DE FILOSOFIA

Aqueles que só leem para se divertir ou para enriquecer seu espírito de muitos pensamentos finos ou delicados, sem se preocupar com a verdade e sem se interessar com o fundo das coisas, acham suficiente se satisfazer com a multidão de livros que nós possuímos; pois a maior parte dos autores só parecem ter escrito para esse gênero de homens; a maior parte só pensou em colocar espírito em suas obras. Tão pouco inquietos pela verdade quanto seus leitores, eles não se deram ao trabalho de fazer entrar em seus escritos o que não se devia procurar ali; eles espalharam espírito porque era apenas espírito que se queria que ali houvesse. Assim, eles não rejeitaram a verdade quando ela pôde servir a seus desígnios; mas eles associaram a ela o erro, ou a substituíram pelo erro, quando esse lhes foi útil; de modo que os livros mais estimados não foram títulos e arquivos da verdade, mas simples compilações de espírito e de pensamentos verdadeiros ou falsos. Eu seria facilmente levado a crer que o objeto dos primeiros homens que escreveram não foi tão vão e tão frívolo: há grande aparência que os primeiros autores de reflexões se gabavam de descobrir a verdade a seus leitores e que os primeiros leitores esperaram receber essa luz de seus mestres; mas, como as descobertas só são feitas pouco a pouco e por diferentes homens que, todos, vislumbraram os objetos por diversos lados, daí se formou no espírito dos homens uma confusão de pensamentos e de princípios que poucos tiveram a força de desenvolver e de reunir sob um mesmo ponto de vista.

Mais as reflexões e as vistas se multiplicaram, mais os homens se encontraram esmagados por essa infinidade de conhecimentos, menos seus espíritos se encontravam capazes de lhes livrar dos erros que os acompanham e de reduzi-los em princípios. Falta de poder acordar um grande número de reflexões contraditórias em aparência, ou verdadeiramente incompatíveis, vários se persuadiram de que não pertencia ao homem conhecer a verdade, pois o pirronismo nasceu da impotência do espírito, como a indiferença pela verdade nasceu do pirronismo. Fez-se esse raciocínio: se há tantas coisas igualmente aparentes e, no entanto, incompatíveis, ou tudo é erro no mundo ou o espírito do homem é incapaz de desvendar a verdade; ora, se a verdade não pode ser conhecida, é uma loucura procurá-la. Então, os autores e os leitores convencionaram que não era mais questão senão de ter espírito e uns escreveram e outros leram apenas com esse único pensamento.

Mas, porque o maior número dos homens ama crer que há muitas verdades sensíveis e que o espírito tem dificuldade em rejeitar, apesar das sombras que as obscurecem, aconteceu que o maior número olhou com desprezo os livros e os autores onde só se percebia, em geral, uma vã afetação de espírito. Com efeito, se a verdade não pode ser conhecida, para quê serve o espírito que não pode encontrá-la? E se a verdade pode ser conhecida, para quê serve o espírito que não tende a ensiná-la? Assim, os filósofos e os autores se degradaram e se desacreditaram eles mesmos aos olhos dos homens, que não têm necessidade de saber que um outro homem tem espírito, e querem leituras úteis, ou proscvem a leitura com razão, se ela é inútil.

Não é que a maior parte dos grandes homens que escreveram nos últimos tempos não tenham escrito dogmaticamente e não tenham tido, a maioria deles, um sistema geral sobre todos os objetos essenciais; mas, como eles só trataram dos assuntos particulares e como eles não tomaram o cuidado de fazer um corpo de seus princípios, não é fácil compreender suas vistas dispersas e de aproximá-las para formar um sistema; tanto melhor que tenham considerado as coisas em diversos tempos e sob diversas faces, eles não evitaram sempre se contradizer, e se enganaram por vezes, porque não pertence a nenhum homem escapar de todo tipo de erros. Se se acrescenta a essas considerações que o último século, quando esses grandes homens apareceram, saía penosamente da barbárie e das trevas de uma longa ignorância, não se ficará nem um pouco surpreso que, tendo tido tantos obstáculos a vencer, cada um em seu gênero, para encontrar o verdadeiro, eles não tenham podido reunir as diferentes descobertas que uns e outros faziam ao mesmo tempo.

Cabe a nós, que vimos depois de tantos grandes gênios, juntar todas as suas luzes e purgar suas opiniões do falso que pode a elas se mesclar. Com materiais tão ricos como aqueles que eles nos deixaram, nós podemos bem mais facilmente elevar um edifício que tenha proporção e extensão. Cabe a nós tomar vistas gerais e formar um espírito vasto a partir de tantos espíritos particulares, mas excelentes, que nos abriram a entrada de todas as ciências. Veja-se que aqueles que marcham mais perto dos passos desses homens ilustres fazem aparecer vistas mais gerais e talvez mais extensas que não se encontra na maior parte de seus modelos. Essa vantagem é a

de nosso século, mais do que de nossos autores, e nós não devemos, creio eu, tirar daí qualquer vaidade; nós o devemos tanto menos quando essas vistas gerais que nós afetamos sejam ainda mescladas com muitos erros e não sejam apresentadas, em nenhum lugar, com método, nem mesmo em sistema. Ora, parece-me que é um grande erro das obras de reflexão o não fazer um todo, pois o espírito percebe com dificuldade o que não é um. É por isso que eu sempre pensei que seria muito útil formar um sistema geral de todas as verdades essenciais que se pode conhecer sobre as ciências úteis.

Como o principal erro de nosso século é o de crer ser tudo incerto e problemático, eu gostaria que se dedicasse inicialmente a destruir esse erro prejudicial e que se descobrisse, ao mesmo tempo, a certeza e a utilidade de certas ciências, que se as apreciasse todas com justiça e que se colocasse cada uma em seu lugar. Eu gostaria que se pudesse aproximar, em poucas palavras, os séculos bárbaros e o pequeno número de séculos esclarecidos; que, comparando-os uns aos outros, se fizesse ver o que a natureza pode fazer para os homens e o que a educação pode acrescentar a esse ponto; que se colocasse em uma balança as diversas vantagens do saber e da ignorância, que se explicasse a origem dos principais erros e se nos conduzisse às grandes fontes de nossas opiniões.

Eu gostaria ainda que se provasse a realidade da virtude e a do vício, que se explicasse a religião e a moral, que se voltasse aos princípios e de uma e de outra, que se procurasse, pelo conhecimento do espírito humano, a fonte de hábitos diferentes, de costumes que nos parecem os mais bárbaros e das opiniões que nos

surpreendem mais, afim de que não se surpreendesse mais com tantas coisas que seria tão fácil conciliar e compreender.

Como o comércio parece hoje uma coisa muito importante, bem como as manufaturas e as artes que lhe fazem florescer, e como se encontra, no entanto, filósofos que desprezam todas essas coisas que eles creem superficiais e gostariam de levar os homens de volta à primeira simplicidade, eu creio que seria instrutivo e agradável mostrar em quê uns e outros se enganam e em quê eles podem estar bem fundados. Não seria nem menos útil nem menos necessário decidir entre os ignorantes e os doutos sobre o mérito das belas-artes, demasiadamente estimadas talvez por uns e demasiadamente degradadas por outros. Eu gostaria que se fixasse também nossas opiniões sobre o governo, sobre o quê os homens disputam há muito tempo sem poder em nada concordar.

Nada seria mais útil, parece-me, do que regrar assim todos os principais pontos de nossas disputas, conciliando, tanto quanto possível, todas as verdades espalhadas em nossas opiniões, e despojando-as do falso que a elas se mescla. Ora, eu creio que seria necessário, para isso, tratar cada coisa brevemente, claramente, e de maneira que as verdades apresentadas prevenissem todas as objeções que se tem costume de lhes opor, a fim de evitar os prolongamentos e os detalhes; pois, se a isso se engaja, sobre cada artigo, ou em longas disputas ou em detalhes explicados, a obra se torna então demasiadamente extensa para ser compreendida facilmente e por uma vista rápida, perder-se-ia o fruto principal que se propõe, que é o de poder aproximar em poucas palavras todas as verdades importantes e formar um corpo de princípios. Todavia,

seria fácil, depois de ter tratado dos grandes assuntos em um primeiro tomo, de explicar seus ramos e os efeitos em um segundo e um terceiro que, sem separar as matérias do primeiro volume, só fariam esclarecê-los.